

CURSO currículos inovadores

oportunidade para as IES
diante da revolução pós-digital

MÓDULO II

A trilogia: tradição, inovação e novas tecnologias

Nesse ambiente, o currículo sofre com a ação de duas forças necessárias à sua sobrevivência: a tradição e a inovação. A primeira, pela tendência a se repetir aquilo que, sob vários ângulos, vem, ao longo do tempo, configurando-se como um caminho exitoso; a segunda, pela necessidade de os currículos acompanharem a evolução social, em constante movimento, impondo novos desafios a todo momento.

Talvez a grande visão esteja em identificar o momento adequado para abandonar determinado modelo tradicional, ou parte dele, para, apostando em algo inovador, transformar sua proposta formativa em algo mais aprazível e alinhado com as demandas mercadológicas/profissionais. Inovar, na essência, não é sinônimo de melhorar, como muitos pregam.

Inovar é fazer diferente, como nunca feito na instituição. A qualidade desse novo fazer somente o tempo determinará; por outro lado, toda inovação provoca uma ruptura, que tem, em seu âmago, a intenção do agente transformador de melhorar.

Argumenta, com propriedade, a Conexia Educação (2017):

Inovação tem a ver com o ato de realizar ações com o objetivo de tornar algo melhor. Inovar na escola é trazer recursos para que o ensino e a aprendizagem sejam cada vez mais eficazes e que acompanhem o progresso dos anos.

(...)

O aluno do século XXI é aquele que tem a informação na palma das mãos — tudo à distância de um clique. Com isso, a instituição de ensino precisa ser atual, de forma que o aluno sinta que está em um ambiente que pode acrescentar conteúdo relevante à sua vida como um todo. (...) (Destacou-se)

Assim, inovar é palavra de ordem para manter currículos e, conseqüentemente, projetos pedagógicos atuais e interessantes. Nesse cenário, grandes aliadas da inovação são as novas tecnologias, ou seja, aquelas que envolvem dispositivos e aplicativos eletrônicos.

Apostar em novas tecnologias é promover, em última análise, uma transformação digital no dia a dia da IES que visa, ao final, promover novos mecanismos de ligação e aproximação entre a instituição e suas comunidades.

Sobre o tema, é importante o que ensina Alvernaz (2017):

Mobilidade, uso de redes sociais, acesso remoto, infraestrutura e prestação de serviços em nuvem, Internet das coisas, análise de dados e big data. Palavras como estas vêm à sua cabeça quando se fala em transformação digital?

Muito mais que um monte de palavras da moda (algumas nem tanto...), **a transformação digital envolve a reestruturação de processos e a absorção de uma cultura digital, voltada para gerar ganhos de produtividade de diversas maneiras:**

- melhoria da experiência do cliente
- novas formas de comercializar produtos e prestar serviços
- otimização da cadeia de processos
- auxiliar na tomada de decisões estratégicas Isso, só para citar algumas das vantagens mais relevantes. (...) (Destacou-se)

Dessa forma, pensar em inovação curricular com transformação digital parece ser o caminho esperado pela sociedade em geral. A chave a ser buscada, como ensinado acima, é melhorar a experiência de todos que entram em contato com os cursos superiores oferecidos pela IES, seja na condição de docente, de discente, de sociedade civil ou de colaboradores.

O que não se pode mais é ainda achar que a transformação digital é um processo que pode ser adiado. Em todo o mundo, são mais de 8 bilhões de dispositivos móveis em uso e mais de 15 bilhões de negócios conectados à internet, onde mais de 2 bilhões de posts são criados por dia apenas no Facebook e no Instagram.

Mas essa transformação digital está longe de ser um caminho fácil.

De início, é necessário mapear métodos e processos em desenvolvimento na IES e, principalmente, o nível de satisfação em relação a cada um deles. Feito isso, é hora de buscar soluções inovadoras e, se possível, com o uso de novas tecnologias



para melhorar a satisfação em relação aos aspectos mais criticados negativamente.

É bem possível que, nesse caminho, a instituição encontre soluções tecnológicas já desenvolvidas para todos os métodos e processos que executa – o que não significa que a simples aplicação delas aumente a satisfação dos usuários. Assim, é necessário um acompanhamento de perto do nível de satisfação, quase que em paralelo com a implantação das mudanças, pois, reforça-se, o objetivo não deve ser tornar a IES tecnologicamente de ponta, mas tornar a experiência do seu público cada dia melhor.

Regulação x Inovação

Assunto que não é novo é o descompasso entre os avanços – tecnológicos ou não – e o poder público em seu papel regulador.

De maneira geral, trata-se de ponto pacífico, como bem aponta Matos (2018):

(...) Aplicativos para transporte de passageiros com carros particulares, investimentos via *crowdfunding*, criptomoedas, compartilhamento de imóveis, consultas psicológicas via videoconferência, emissão pública de *cripto-tokens*, inteligência artificial para atendimento, diagnóstico médico, análise automatizada de processos judiciais, criação autônoma de petições, veículos autônomos, entregas feitas por drones, empréstimos *peer-to-peer*. A lista de inovações criadas pelo avanço tecnológico é extensa e cresce cada vez mais rápido.

Em contrapartida, um setor que já era lento tem cada vez mais dificuldade de acompanhar essas mudanças: trata-se do poder público, com seu aparato de regulação. Se, por um lado, órgãos e instâncias reguladoras são importantes para garantir segurança e controle de certos serviços, visando o melhor interesse da sociedade, por outro, a caduquice regulatória por vezes tem efeito contrário, pois acaba inviabilizando a implantação de novas soluções, muitas vezes mais eficientes, baratas e acessíveis. O desafio aumenta porque o passo acelerado das mudanças torna a regulação vigente cada vez mais atrasada, ao passo em que traz novos conflitos e dilemas. Um exemplo é a questão dos empregos perdidos para a automação. (...) (Destacou-se)

Via de regra, então, as inovações andam a jato, enquanto a regulação, a passo de cágado. Contudo, quando o assunto é currículo, incrivelmente, isso não é uma verdade.



Os instrumentos de avaliação do Inep em vigência, que basicamente regulam a modelagem curricular e, como consequência, a construção dos projetos pedagógicos, caminham exatamente na direção contrária. Dos vinte e quatro indicadores relativos à qualidade dos aspectos didáticos/pedagógicos, quinze exigem práticas inovadoras para o recebimento do conceito máximo a ser aplicado pelas comissões de avaliação.

Dessa maneira, não há que se falar que, na construção curricular, a regulação do poder público interfere como um freio penalizador. Ao contrário; ela funciona atualmente como um acelerador desse processo.

Referência bibliográfica:

HASMANN, Francislene; CHANAN-SILVA, Paulo Cesar. Modelos curriculares para cursos de graduação: tradição x inovação. **Estudos: Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior**, Brasília, v. 32, n. 44, p. 50-53, maio. 2020. Disponível em: <https://abmes.org.br/editora/detalhe/110> Acesso em: set. 2020

